

## EDITORIAL

### **Dossiê Especial “Cultura das Mídias – 20 anos”: intertextualidades, intermedialidades e práticas sociais**

Em face da complexidade, diversidade e centralidade que a cultura midiática vem adquirindo, torna-se premente investigar questões a respeito das naturezas da crítica de mídia, dos lugares onde ela se encontra, dos sujeitos que a praticam e das perspectivas teóricas que a orientam. Diante desses desafios, a partir de 2023, a **RuMoRes** passa a integrar a Rede de Pesquisa em Cultura Midiática – Metacrítica, divulgando investigações e reflexões desse campo de investigação. Assim, a revista recebe artigos dedicados ao estudo da crítica relacionada às mais diferentes expressões da cultura midiática que tragam contribuições teórico-metodológicas sustentadas em análises reflexivas e estudos circunscritos em duas instâncias: a crítica de produções midiáticas em diversos formatos, linguagens, tecnologias e gêneros; e a análise de críticas veiculadas pela mídia por diferentes agentes socialmente reconhecidos como parte dessa prática.

Consolidando essas mudanças, em seu número 34, **RuMoRes** lança uma edição especial comemorativa dos 20 anos de atividade do GT Cultura das Mídias nos encontros anuais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Desde 2003, o grupo busca promover criticamente debates em torno do papel exercido pelos meios e ambientes de comunicação nos processos de constituição de hegemonia. Tomando como ponto de partida as tensões articuladas por sujeitos que disputam modelos de representação cultural, simbólica e identitária atravessados pelas relações de poder, os temas tratados mobilizam aportes teóricos, metodológicos e analíticos nos quais é possível interpretar os fenômenos comunicacionais em sentido expandido.

É nessa direção que o Cultura das Mídias tem desempenhado um importante papel não apenas nas discussões relativas ao campo da comunicação e das mídias, mas, ainda, na formação de gerações de pesquisadores (docentes e discentes) que têm

participado do grupo ao longo dessas duas décadas. A contribuição do GT para a reflexão sobre a crítica da cultura midiática é um traço marcante dos textos nele apresentados, discutindo, entre tantas possibilidades, as questões do próprio conceito de crítica de mídia, as diferentes maneiras de se fazer exercícios de crítica de mídia e ainda o conceito e práticas de metacrítica. O foco principal da discussão, portanto, recai sobre práticas discursivas diversas, postas em circulação nos diferentes meios e nas variadas plataformas.

Em suma, interessa-nos, no âmbito da cultura das mídias, a problematização na interface entre meios de comunicação e sociedade. Tais discussões também se apresentam na dimensão da cultura pública e nas políticas e estratégias culturais postas em desenvolvimento pelas instituições e sujeitos. Cabe ainda ressaltar que as análises desenvolvidas no GT Cultura das Mídias acabam por interrogar diversos meios de expressão, superando as perspectivas teórico-metodológicas tradicionais, sedimentadas a partir das disciplinas isoladas, com abertura para perspectivas teóricas e críticas transdisciplinares e de forma que os diálogos travados ampliem o campo de pesquisa e investigação.

O dossiê desta edição – organizado por Tatiana Siciliano, Ercio Sena e Rosana Soares, coordenadores do GT Cultura das Mídias nas edições de 2022 e 2023, e na configuração de 2024 – reúne, desse modo, onze trabalhos que foram ali apresentados e catalisam questões para se pensar as mídias como um espaço propulsor de políticas de identificações, adesões e consensos em consonância com a cultura dominante, mas também como lugar de negociações, de deslocamentos, de reconfiguração de crenças e valores em decorrência de processos contra-hegemônicos. É na arena midiática que práticas discursivas ganham materialidade e operam mecanismos de significação. Tais procedimentos, da ordem do simbólico, dos imaginários e das políticas de representação, refletem processos de tradução interculturais e podem configurar, sobretudo, novas práticas de leitura capazes de gerar uma reflexão em torno das questões de enunciação, narrativa e discurso.

Intertextualidades, apropriações e pilhagens são discutidas pelos autores Tiago José Lemos Monteiro e Laura Loguercio Cánepa em "*Emmanuelles tropicais: apropriações brasileiras, conservadorismo e transgressão*". A partir de um mapeamento da produção de filmes nacionais derivados do clássico do cinema erótico, *Emmanuelle* (França, 1974), o artigo investiga os *rip-offs* brasileiros e reflete sobre a construção da memória do cinema

nacional popular – em um contexto autoritário do governo militar – em diálogo com as tendências da produção internacional de *sexploitation*.

Autoria, cópia e intertextualidade também são colocadas em debate por Eduardo Miranda Silva em “Copiando *O Homem que Copiava*: intertextualidades, fragmentos e autoria”. O texto discute importantes questões relacionadas a produtos e processos comunicacionais, ao colocar em perspectiva os conceitos de autoria, originalidade, intertextualidade, apropriação e cópia, em meio às práticas intermediárias contemporâneas e às pressões jurídicas dos direitos autorais e das patentes. O ensaio promove tal reflexão a partir de um caso específico: a descoberta da apropriação não autorizada da ideia central do filme *O Homem que Copiava* (Brasil, 2003), de Jorge Furtado, pelo cineasta indiano Swathi Bhaskar na obra cinematográfica *Currency* (Índia, 2009).

Gêneros narrativos e literacia midiática ganham destaque em “K-dramas originais Netflix no catálogo brasileiro: melodrama e literacia midiática”, de Maria Cristina Palma Munglioli, Ligia Prezia Lemos e Tomaz Penner e “Os realismos do *true crime*: estratégias narrativas dos episódios-piloto da série ficcional (HBO) e da série documental (Netflix) *The Staircase*”, de Marina Burdman, Tatiana Helich e Vera Follain de Figueiredo. O primeiro artigo discute uma tendência que vem ocorrendo nas plataformas de streaming: a expansão de produções seriadas ficcionais locais para um amplo mercado, com características narrativas que possibilitam seu consumo global. A questão que se coloca é o aumento expressivo dos K-dramas na Netflix Brasil. Na compreensão da popularidade dos K-dramas pelo público brasileiro, o trabalho aponta como chave analítica as características melodramáticas da produção ficcional sul coreana, que asseguram literacia e interpretação do mundo, já conhecidas pelo público brasileiro, graças à tradição da telenovela como matriz cultural. O segundo texto aborda a construção do gênero policial, partindo do piloto das séries *The Staircase*, lançada em 2022 pela HBO, e a série documental de mesmo nome, da Netflix (2018). Desse modo, reflete sobre a construção narrativa de produções audiovisuais que se valem de recursos das linguagens documental e ficcional para referenciar o crime, engajar e gerar no espectador um efeito de realidade.

Narrativas de crime também são acionadas e compartilhadas nas plataformas digitais. Bianca Souza Biadeni e Gisela Grangeiro da Silva Castro, em “#ANJO: explorando

a produção e o consumo de memoriais a vítimas de crimes reais em plataformas de redes sociais”, destacam o consumo simbólico da morte e do luto por meio de produtos comunicacionais, a partir da produção de narrativas em homenagem às vítimas de crimes, compartilhadas em plataformas digitais.

Ganham visibilidade nas diferentes mídias temáticas que reforçam a retórica do ódio e do justicamento. O “discurso” torna-se, assim, um termo-chave para se compreender como operam os processos de rejeição, reconhecimento e consumo. Em *“O sofrimento amoroso do homem: misoginia e discurso de ódio na literatura masculinista de autoajuda”*, Mayka Castellano e Vinícius Machado Miguel trazem uma análise da estrutura do discurso de ódio em forma de aconselhamento perpetrado por manifestações misóginas na internet. Com fontes que reproduzem essa prática em torno de um masculinismo ressentido, a racionalidade e superioridade do homem são afirmadas com pretensões científicas em detrimento dos movimentos feministas.

Felipe da Silva Polydoro, em *“Justiça com a própria câmera: imagens vigilantes e cultura participativa nas mídias”* foca na discussão da vigilância social nos produtos do jornalismo policial. Para isso, recupera antigos programas policiais de grande audiência, relacionando-os aos processos de disciplinarização repressiva, conforme a perspectiva foucaultiana. Trabalha a ênfase dada à participação do espectador no trabalho de vigilância e compartilhamento de informações numa articulação que envolve a mídia, o aparato policial e a audiência desses programas.

Com a intensificação da cultura participativa nos novos ambientes midiáticos surgem várias discussões sobre os processos de governança e responsabilidade das plataformas. Nesse sentido, Renata Oliveira Tomaz, com *“Plataformas coprodutoras de conteúdo infantil: governança e moderação no YouTube”*, discute a experiência da criança no YouTube e, por meio da análise documental, empreende uma pesquisa exploratória das diretrizes referentes à produção e circulação do conteúdo infantil. Compreendendo as plataformas como coprodutoras de conteúdos, na medida em que moderam e modelam os conteúdos que circulam nas redes, a pesquisa coloca em perspectiva questões fundamentais no campo das mídias como segurança e direitos das crianças no ambiente digital.

Os discursos curatoriais são considerados atos comunicacionais para Icaro Ferraz Vidal Junior e Mauricio de Bragança em “Curiosidade em ruínas: discurso curatorial e imaginários populares dissidentes”. Os autores adotam uma abordagem decolonial para refletirem sobre a história das exposições. Objetos em exibição não são neutros, constroem simbolicamente imaginários a partir dos modos de expor, lógicas classificatórias e publicização dos acervos e coleções propostas por seus curadores. O artigo parte de exemplos que desafiaram os limites impostos pela forma-museu, como a do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ao dar protagonismo no espaço museal para escolas de samba, colocando lado a lado os parangolés de Hélio Oiticica com a bandeira brasileira criada pelo carnavalesco Leandro Vieira para o desfile da Mangueira de 2019.

Os diálogos e deslizamentos intermediáticos entre cinema, escola de samba e música servem ao processo reflexivo de Samuel Paiva em “Espaços do samba no filme *O Pai da Rita*”. O autor – a partir da análise do filme *O Pai de Rita* (2021), dirigido por Joel Zito Araújo – propõe um estudo intermidial em torno de personagens que se relacionam com as escolas de samba da capital paulista, a música de Chico Buarque e a espacialidade proposta na obra de Milton Santos. *O Pai da Rita* associa o espaço do Bixiga à cultura negra, como reconhecimento e resistência às violações e ao apagamento da população afrodescendente. Por sua vez, a crescente produção de podcasts jornalísticos ou documentais em diversos países, especialmente na Europa, é tematizada por Eduardo Vicente em “Podcasts narrativos de não-ficção: apontamentos sobre o cenário de produção espanhol”, em que o autor apresenta resultados de pesquisa realizada naquele país sobre as práticas de *podcasting* realizadas por grupos atuantes na área de jornalismo, com destaque para temáticas voltadas à diversidade.

De modo complementar ao dossiê e voltando à crítica jornalística, o artigo “Os referenciais geoculturais na crítica jornalística de cinema: um estudo de caso a partir de *Bacurau*”, de Vinícius Oliveira Rocha e Sonia Aguiar, apresenta uma análise da crítica produzida em torno do filme brasileiro *Bacurau*, codirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Tomando como procedimento metodológico a análise temática, o foco da pesquisa concentra-se nos perfis e estilos discursivos dos críticos, buscando demonstrar como diferentes repertórios influenciam os argumentos utilizados nas críticas.

Finalmente, a entrevista realizada por Luciano Maluly com o pesquisador Marcos Paulo da Silva, intitulada “A essência da teoria do jornalismo”, aborda a construção de um pensamento crítico que possibilita a análise glocal dos fenômenos relacionados ao jornalismo, entre eles a desinformação, e fornece elementos para a crítica da cobertura jornalística e para os estudos da comunicação.

Os textos desta edição da revista discutem, em perspectivas plurais, questões relacionadas a produtos e processos comunicacionais na cultura midiática, abrangendo reflexões sobre práticas de produção, circulação e recepção em diferentes mídias, bem como processos de construção de gostos e repertórios estéticos, posicionamentos políticos e dinâmicas sociais. Temáticas importantes em face da centralidade das mídias em nosso tempo e que apontam, ao mesmo tempo, para as transformações e reiterações presentes na cultura midiática.

Boas leituras!

*Tatiana Siciliano (PUC Rio)*

*Ercio Sena (PUC Minas)*

*Rosana Soares (ECA-USP)*

*dezembro de 2023*